

# Do cotidiano ao evento: ensaio sobre expressões culturais na cidade

Gabriela Lamanna Soares

Orientação: Profa. Dra. Lizete Maria Rubano (FAU-Mack).

Pesquisa: Trabalho de Conclusão de Curso, FAU-Mack, 2020.

Como desdobramento do trabalho final de graduação, intitulado "Do cotidiano ao evento: expressões culturais do Bixiga", este ensaio é parte de uma investigação da dimensão cultural de um território urbano, em debate com a matriz pública e com a noção de direito à cidade. O estudo fundamenta-se no reconhecimento de um lugar, de um trecho da cidade que se caracteriza como um conjunto, o Bixiga. Estruturado a partir da cidade existente — do aspecto físico à dimensão social, de especificidades às lógicas impostas e da dimensão histórica à contemporaneidade

—, o ensaio explora outras formas de leitura e reconhecimento da cidade como meio para outras investigações projetuais. Assim, a cidade real delinea toda a pesquisa, as descobertas e as propostas, afirmando-se enquanto partido para ressignificar os modos de viver a cidade. Este ensaio carrega, então, a intenção de pensar espaços e cidades democráticas de forma transformadora, de reafirmar o urbano como o local do encontro, da pluralidade e da expressão e de reconhecer a potência da cidade que existe e pulsa.

## From the everyday life to the event: an essay on cultural expressions in the city

As a development of the final undergraduate paper entitled "From the everyday life to the event: cultural expressions of Bixiga", this essay is part of the cultural dimension's investigation of an urban territory, in debate with the public matrix and with the notion of the right to the city. The study is based on the recognition of a place, a section of the city that is seen as a whole, the Bixiga. Structured through the existing city, from the physical aspect to the social dimension, from the specificities to the imposed logics and from the historical dimension to the contemporaneity, the essay explores other ways of reading and recognizing the city as a means for other projects investigations. Thus, the real city outlines all the research, the discoveries, and the proposals, asserting itself as a party to re-signify the ways of living the city. This essay carries, then, an intention to think about democratic spaces and cities in a transformative way, to reaffirm the urban as the place of encounter, plurality, and expression and to recognize the potency of the city that exists and pulsates.

## De la vida cotidiana al evento: ensayo sobre las expresiones culturales en la ciudad

Como despliegue de la tesis de grado, titulado "De la vida cotidiana al evento: las expresiones culturales de Bixiga", este ensayo es parte de una investigación de la dimensión cultural de un territorio urbano, en un debate entre los espacios públicos y la noción de derecho a la ciudad. El estudio se basa en el reconocimiento de un lugar, un tramo de la ciudad que se reconoce en su conjunto, el barrio Bixiga. Estructurado a través de la ciudad existente, desde el aspecto físico a la dimensión social, desde las especificidades a las lógicas impuestas, desde la dimensión histórica a la contemporaneidad, el ensayo explora otras formas de leer y reconocer la ciudad como un medio para otras investigaciones de proyectos. Así, la ciudad real perfila todas las investigaciones, descubrimientos y propuestas, afirmándose como una idea central para resignificar las formas de vivir la ciudad. Este ensayo tiene una intención de pensar espacios y ciudades democráticas de manera transformadora, reafirmando el espacio urbano como lugar de encuentro, pluralidad, expresión y reconocimiento del poder de la ciudad que existe y late.

## **PREÂMBULO**

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.  
(CALVINO, 2017, p. 16)

Resgata-se, por meio da literatura de Calvino, que a cidade é o registro de sua história em constante construção e é, portanto, a expressão e narrativa de seus próprios processos.

Como define Lefebvre (2008, p.52), a cidade "[...] é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas"; mais do que um resultado passivo, os processos de produção da cidade são consequência da interação entre dimensões presentes – física, social e econômica –, dos modos de produção vigentes e do processo cumulativo contínuo, de conhecimento, de pessoas e do capital (LEFEBVRE, 2002). Assim, são essas relações indissociáveis entre a sociedade e a cidade que moldam o caráter de seus espaços e especificidades.

Nesse contexto, identifica-se uma relação entre a morfologia material e a morfologia social; e a distinção entre elas, segundo Lefebvre (2008), ocorre a partir dos conceitos de "cidade" e "urbano". A cidade é "[...] realidade presente, imediata, dado prático-sensível, arquitetônico – e por outro lado o "urbano", é realidade social composta de relações a serem concebidas, construídas ou reconstruídas pelo pensamento" (LEFEBVRE, 2008, p.54). Entende-se, portanto, que além de coexistir, o urbano precisa da cidade como base prática-sensível para se realizar. A cidade, então, é o suporte material das relações sociais, de "[...] fenômenos de uma outra ordem, num outro nível, o da vida social e "cultural" [...]" (LEFEBVRE, 2008, p.19), explicitando, assim, seu valor de uso.

Na soma de pontos sobre o valor de uso da terra urbana colocados por Marx (2011), Lojkine (1997) defende um terceiro valor, que se refere à capacidade de aglomeração da condição urbana. Considerando o desenvolvimento das cidades como "um processo com dois aspectos: industrialização e urbanização, crescimento e desenvolvimento, produção econômica e vida social" (LEFEBVRE, 2008, p.16), entende-se que elas se tornaram, ao mesmo tempo, o espaço do capital e o da produção, bem como de sua manifestação e expressão. Assim, a cidade é "[...] a aglomeração da população, dos instrumentos de produção, do capital, dos prazeres e das necessidades [...]" (LOJKINE, 1997, p.159). Assim, a capacidade de aglomeração da cidade é um meio de possibilitar as experiências no espaço urbano.

Assumindo que "o uso principal da cidade, isto é, das ruas e praças, dos edifícios e dos monumentos, é a Festa" (LEFEBVRE, 2008, p.12) junto às condições do espaço urbano, entende-se que esse contexto possibilita que a cidade seja o *locus* da cultura – compreendendo a cultura a partir de uma noção expandida de significados.

Destaca-se, portanto, que a dimensão cultural abordada neste ensaio tem como foco os saberes e os comportamentos dos povos, as práticas urbanas cotidianas, a materialidade e a história do território, para além dos espaços e manifestações oficiais da cultura. É o entendimento da cultura como meio para a vida, para a

FIG. 1: Mapa da região central da cidade de São Paulo com destaque para a área do Bixiga.

Fonte: Elaborado pela autora.



expressão de si e para a construção de sujeitos na sociedade. Como afirma Marilena Chauí (1995, p.81), a noção de cultura pode ser entendida “[...] no sentido antropológico mais amplo de invenção coletiva de símbolos, valores, ideias e comportamentos, de modo a afirmar que todos os indivíduos e grupos são seres culturais e sujeitos culturais”.

A reflexão sobre a cultura a partir das práticas sociais cotidianas é um meio de reconhecer as diferentes manifestações culturais dos grupos presentes na sociedade e de compreender o convívio entre expressões culturais diversas, de como elas acontecem na cidade e os vínculos estabelecidos com o espaço urbano. Cada manifestação é parte da cultura e é essa pluralidade que enriquece a vida urbana. “Gente é, antes de tudo, cultura. Caldo de gente é cultura” (SOUZA, 1993, p.03).

Assim, a cultura mostra-se como uma hipótese programática, democrática e emancipatória. A cultura é a via de resistência e de transformação. Disso parte a defesa de uma política cultural democrática e de propostas de espaços públicos na cidade que permitam a produção e consumo da cultura a partir de outras lógicas. Nesse cenário, a arquitetura se revela como meio de possibilitar espaços e experiências de resistência e transformação na cidade.

## **O LUGAR**

Bixiga. Um hiato entre os centros (PAES, 1999). Hiato porque, para além de uma região entre o centro velho e a avenida Paulista, o espaço urbano e a vida no Bixiga são bem distintos. Hiato por resistir às transformações urbanas e, ao mesmo tempo, pela permanência da forma urbana e do modo de apropriação das ruas. Isso é confirmado pela “[...] observação de seu uso intenso enquanto território de sociabilidade, do fato de ter sua malha regular de ruas rompida por vias expressas e por ter sua história até hoje vinculada à forte função do bairro de ser suporte de caminhos” (PAES, 1999, p.37).

O bairro, cuja delimitação foge das divisões administrativas da cidade, tem registrado em seu espaço físico — do tecido urbano às edificações — uma forte dimensão histórica.

Do quilombo na periferia do centro histórico ao loteamento de caráter popular de 1878, a área com topografia acidentada foi ocupada, desde o início, por grupos marginalizados da sociedade – os negros, os imigrantes, principalmente italianos, e os migrantes, em grande parte nordestinos. De modo que o Bixiga se caracteriza, ao longo do tempo, pela coexistência de diferentes camadas sociais e grupos étnicos, implicando na diversidade de atividades produtivas, costumes e culturas, além de diferentes formas de moradia, inclusive nas habitações coletivas e nos cortiços que permanecem até hoje no bairro (SCHNECK, 2018); bem como a configuração urbana com quadras extensas, lotes ortogonais estreitos e compridos e a predominância de casas assobradadas ainda que em diferentes estados de conservação.

A partir das décadas de 1960 e 1970, o bairro é submetido a ações de macro escala, como intervenções viárias de grande impacto que desconsideraram e se sobrepuseram ao tecido urbano existente. Entre elas, a construção do Viaduto Júlio de Mesquita Filho, o alargamento da Rua Rui Barbosa e o encontro com a Rua Treze de Maio, desapropriando uma faixa das quadras e demolindo-se quadras inteiras para tornar essas intervenções possíveis. Isso rompeu o território e criou outros ambientes — a Rua Rui Barbosa hoje é completamente diferente de suas paralelas, Treze de Maio e Conselheiro Ramalho.

A região central de São Paulo continua sendo o foco de várias iniciativas que seguem modelos de mercantilização das cidades através da revitalização das áreas, da revalidação de edifícios históricos ou de grandes empreendimentos imobiliários. No Bixiga, é evidente uma série de tentativas de apagamento da origem popular do bairro. Atualmente, temos o avanço do mercado imobiliário, principalmente na região da Grotta, e o recente embate entre a escola de samba da Vai-Vai e o Metrô de São Paulo, que pretendia deslocar a sede da escola para a construção de uma nova estação. Essas são estratégias que atuam nas lógicas da macro escala do território, "são vetores de uma racionalidade superior e do discurso pragmático dos setores hegemônicos, criando um cotidiano obediente e disciplinado" (SANTOS, 2012, p.286).

É nesse cenário que podemos destacar a importância do reconhecimento do lugar e de outras lógicas presentes por meio de um olhar sensível para o espaço. Como afirma Arantes (2013, p.44), "nada mais antivalor (de troca) do que o 'lugar' redescoberto e contraposto ao espaço homogêneo dos modernos e do mercado". É onde se detém a chance de reconhecer outra dimensão presente na cidade, dar sentido ao lugar, reafirmá-lo e defendê-lo. Reconhecer a vida e a cultura em outra escala, a ação cultural das horizontalidades.

Frente a esse cenário, a abordagem poética do cineasta alemão Wim Wenders revela a importância da ressignificação das fronteiras como o meio possível de reconhecer o lugar. Só se identifica um lugar com a definição de seus limites que, por consequência, delineiam sua identidade e história. Assim, o sentido de lugar "é uma convicção de que os lugares têm suas próprias histórias para contar" (WENDERS, 2013, p.57). Se a paisagem construída é um constante registro cultural e histórico das ações, incluindo do momento atual, ela é, portanto, parte da construção do lugar e da determinação das fronteiras.

Ao reconhecer suas fronteiras, reconhecemos o Bixiga como lugar.

As ambiências urbanas características do Bixiga são fundamentalmente compostas pelas relações entre o espaço físico e as práticas cotidianas, e constroem sua identidade local. São as características da configuração do espaço, como as construções sem recuos, alinhadas à calçada e com relação direta com a rua, além da constante presença de vida na rua, seja com as pessoas sentadas

nas soleiras ou com as festas públicas que caracterizam o Bixiga. Na coexistência de todos esses fatores, encontra-se a afirmação de Fernando Pentead, "o Bixiga é estado de espírito" (BIXIGA EXISTE, 2017, 54s.). O estudo fundamenta-se então na investigação da relação entre as dimensões física e social da cidade: ocupar os espaços públicos como meio de expressão de si.

## **AS EXPRESSÕES CULTURAIS**

As expressões culturais são formas de manifestação de povos e culturas reconhecidas no território urbano e revelam-se como possibilidade de ruptura da monotonia e rotina alienante. "É no instante dessas rupturas do cotidiano, nos instantes da inviabilidade da reprodução, que se instaura o momento da invenção, da ousadia, do atrevimento, da transgressão. E aí a desordem é outra, como é outra a criação" (MARTINS, 2018, p.57).

São as expressões culturais que, através das interações diversas entre os campos físicos e sociais, encontram, no espaço público urbano, a possibilidade de manifestação dos desejos e da sociabilidade. Ao delinear essas ambiências plurais da vida urbana, entende-se a potência do espaço urbano como suporte cultural e social.

Ao observar as práticas da vida urbana no Bixiga, identificam-se duas escalas de expressões culturais da vida urbana que reforçam o uso dos espaços públicos, no âmbito do espaço e do tempo: o cotidiano — ações rotineiras — e o evento — momentos de festa, em que a cultura, história e vida local se expandem no território.

Na esfera do cotidiano, englobam-se as práticas sociais rotineiras e recorrentes e a cultura reconhecida nelas. Os eventos, por outro lado, são entendidos como momentos de expansão do cotidiano e, assim, expressões da cultura popular e local em uma escala maior, por vezes até metropolitana. Destaca-se, portanto, uma diferença na dimensão espacial das manifestações do cotidiano e dos eventos, enquanto as primeiras podem ser lidas como pontuais, as segundas são momentos de maior aglomeração.

Do mesmo modo, existem diferenças na dimensão temporal. Se, ao falar do cotidiano, pensamos em uma rotina semanal, ao falar dos eventos pensamos na organização deles ao longo do ano. Mas para além dos eventos em si, dos dias de festa, por exemplo, os grupos por trás desses momentos atuam na preparação, marcando presença e atuação constante no território.

Ao caminhar pelas ruas do Bixiga, existe uma apropriação quase constante do espaço público: a rua é o espaço da vida cotidiana. São os bancos e as mesas nas calçadas, na frente das casas e dos estabelecimentos comerciais, as soleiras que se tornam bancos, as inúmeras oficinas em funcionamento de portas abertas por todas as ruas. Os movimentos da vida cotidiana que colocam a rua como uma extensão da casa, do espaço privado.



FIG. 2: Rua da Assembleia, 1982. Foto de Cesar Diniz.

Fonte: <https://fotos.estadao.com.br/galerias/cidades,bela-vista-antiga-veja-fotos,22334>. Acesso em: maio 2021. Editado pela autora.



FIG. 3: Crianças nos Arcos do Bixiga, em 1978. Foto de Paulino Tarraf.

Fonte: <https://www.saopauloantiga.com.br/os-arcos-do-bixiga-antes-do-janio/>. Acesso em: maio 2021. Editado pela autora.



Há outros momentos, momentos de festa que, por sua periodicidade definida, também já fazem parte do cotidiano desse lugar, como o Samba da Treze, que lota a Rua Treze de Maio toda sexta-feira à noite há mais de 40 anos na frente da Paróquia Nossa Senhora Achirópita. Ou, então, a Feira de Antiguidades na Praça Dom Orione, que ocorre todos os domingos desde 1984, ocupando todos os percursos da praça e as calçadas do entorno, transformando o espaço com as barracas montadas.

Também aos domingos acontecem outras ações sociais, como a iniciativa do grupo Bateria 013, que oferece aulas de instrumentos de escola de samba no baixio do Viaduto Júlio de Mesquita Filho, e o programa Rua de Lazer da Prefeitura de São Paulo em um trecho da Rua Maria José. Através da solicitação e organização dos moradores, a rua é bloqueada para o acesso de carros e estimula-se a ocupação do espaço público por meio de atividades semanalmente programadas. Assim, a Rua Maria José já virou palco de shows, teatro e circo; já foi quadra de futebol e também de vôlei com uma rede instalada nas fachadas das casas cruzando a rua; e já abrigou também piscina de plástico, brinquedo inflável e outras diversas atividades. Observa-se que o uso do território do Bixiga para encontros, reuniões e festas, junto à organização da comunidade do bairro, conformam um sistema de espaços que promovem a criação cultural – um meio de reafirmar o Bixiga enquanto espaço de memória e da comunidade, assim como um meio de fortalecer o senso coletivo e a atuação no espaço urbano.

Assim como a Rede Social Bela Vista, que possui reuniões mensais para debater sobre ações do bairro e fortalecer a comunidade, outros grupos do bairro se organizam para informar sobre o lugar, estabelecer compromissos e realizar atividades que auxiliam o território e seus moradores de alguma maneira. São alguns deles: a Vila Itororó, com o canteiro aberto desde o início do restauro em 2013; a Rádio Saracura, com base fixa na Vila Itororó e base móvel que circula pelo bairro e busca celebrar a memória do Bixiga; o Mumbi, que foi criado com o intuito de preservar as memórias e histórias do bairro e possui um acervo diverso.

A Casa Mestre Ananias que, através da capoeira e da roda de samba, define-se como um espaço de vivência e de transmissão dos saberes populares do povo negro e nordestino. Ou, ainda, coletivos como o Cine Quebrada que, com a intenção de democratizar o acesso à cultura e às produções audiovisuais, realiza eventos de projeção a céu aberto nas ruas do bairro. Dentre as projeções já realizadas, uma ocorreu nas empenas cegas do Largo da Rua Maria José junto com o programa Rua de Lazer, grupo com o qual propuseram oficinas de introdução à prática audiovisual.

O Teatro Oficina se destaca no território como patrimônio cultural, não só pelo tombamento do edifício pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp), Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico (Condephaat) e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), mas também pelo marco e



FIG. 4: Diagrama conceitual sobre as escalas das expressões culturais: o cotidiano e o evento.

Fonte: Elaborado pela autora.

legado como um espaço que permite outras experiências teatrais que não as formais e apresenta outros modos de produção e consumo da cultura.

Na escala dos eventos, a expansão dos instantes, vínculos e produções cotidianas retrata os momentos de maior aglomeração nas ruas.

Em maio, por exemplo, a lavagem da Escadaria na Rua Treze de Maio, organizada pelo grupo Ilu Obá de Min, denuncia o racismo estrutural no país e reafirma a história negra deste território. Por vezes, o mesmo espaço é palco para outras manifestações culturais, como o Jazz na Escadaria, que traz todos os meses shows ao vivo com bandas que se instalam na frente da escadaria na Treze de Maio, e o público se espalha pela rua, calçadas e degraus.

Nos meses de agosto e setembro, a festa da Achirópita ocupa as ruas Treze de Maio, São Vicente e Doutor Luís Barreto como parte de celebração da ocupação do território por esses imigrantes. A memória é resgatada pelas ruas enfeitadas com as cores da bandeira italiana e com caixas de som instaladas nos postes com uma trilha sonora italiana.

Os blocos de carnaval, movimento crescente em São Paulo nos últimos anos, também ocupam as ruas do Bixiga, como o Esfarrapado, que desfila desde 1947. E, ainda, a Vai-Vai, escola de samba do bairro e presente em ações e festas no Bixiga durante o ano todo, inicia os ensaios para o carnaval a partir do mês de outubro. São meses em que eles ocupam a quadra de ensaio mais urbana: a própria rua, em frente à sede, mantendo, em partes, a tradição do cordão de carnaval que originou a escola e que percorria pelas ruas do Bixiga. A conexão entre a escola de samba e o território explicita a história e a relação com o lugar, que é, inclusive, tema de samba:

Lembrança eu tenho da Saracura

Saudade tenho do nosso cordão

[...]

Mas o Vai-Vai está firme no pedaço

É tradição e o samba continua

(FILME, 1980, 42s e 1min 1s).

O Bixiga apresenta-se como palco para um amálgama de culturas, costumes e histórias que resulta nessa multiplicidade de expressões culturais — manifestações que são parte da criação coletiva de dimensão pública e que atuam de forma democrática e transformadora no território. Reconhece-se, nessas ações horizontais e coletivas, “[...] o direito à fruição, à experimentação, à informação, à memória e à participação” que Chauí (1995, p.83) defende como meio para a política cultural.



FIG. 5: Feira de Antiguidades na Praça Dom Orione, 2019.

Fonte: Acervo pessoal.



FIG. 6: Ensaio da Vai-Vai na rua, palco ao fundo, 2018.

Fonte: <https://www.vaivai.com.br/carnaval/vai-vai-ensaios-2018/>. Acesso em: maio 2021. Editado pela autora.

## O PARTIDO PARA ARQUITETURA

Diante desse debate, como pensar em hipóteses programáticas e espaciais que atuem na construção e na oferta de espaços democráticos na cidade?

Parte-se, então, da leitura da cidade real como meio de reconhecer a potência local para explorar outras formas de investigação projetual que correspondam às especificidades do lugar, negando soluções genéricas ou desconexas da situação urbana em que se insere.

Por meio da sobreposição de dois momentos da cidade — as manifestações culturais e os vazios urbanos —, identificam-se espaços possíveis de transformação que podem atuar em rede entre esses espaços públicos e culturais novos e existentes, fortalecendo, portanto, as dinâmicas presentes no território e transformando os vazios, espaços negados à cidade, em lugares que amparam as situações urbanas diversas.

A investigação projetual proposta aqui parte de quatro situações urbanas que visam à ampliação da matriz pública e à atuação em rede a partir do viés cultural: o Largo da Rua Maria José, a Praça Dom Orione, a Praça da Rua Una na região da Grota e a região da escola de samba da Vai-Vai.

As pré-existências locais, tanto as edificadas quanto as imateriais, são pistas projetuais que auxiliam na definição de diretrizes que partem de três níveis de identificação do território: a topografia, a paisagem construída e as expressões culturais locais.

A topografia, determinante na forma de ocupação e fluxos propostos, define as cotas do projeto, reforçando a continuidade entre os espaços públicos, enquanto as conexões e circulações verticais tornam-se elementos estruturadores dos espaços propostos.

O alinhamento das edificações, os gabaritos e a relação entre a construção e a rua — através das janelas voltadas para as calçadas, ou das oficinas funcionando de portas abertas — são elementos da paisagem construída que, ao serem reinterpretados em novas proposições, estabelecem uma relação de continuidade com o ambiente existente.

Ao retomar a noção de que o território urbano é suporte de dimensões culturais e sociais, entende-se as manifestações culturais como uma das vias da construção de sujeitos, de luta coletiva e de transformação. Assim, a cultura se afirma como hipótese programática emancipatória e democrática do urbano — as expressões culturais locais, tanto no cotidiano como nos eventos, são o ponto de partida. Pretende-se que em cada situação o

projeto seja suporte para as dinâmicas locais, de modo que afirme a potência da vida pública e coletiva e atue como uma defesa desse território e de suas dinâmicas.

Os ensaios projetuais buscam a configuração de espaços flexíveis que dão apoio às atividades locais e que se caracterizam por certa indeterminação, entendendo que as dinâmicas de ocupação dos espaços públicos são diversas e reafirmando a potência dessas ações e expressões no espaço urbano. Portanto,

[...] um ser que se constrói, que se constitui e se fortalece a partir de costuras, alinhavos e articulações com um além de si próprio. Um processo de colocar-se em público como um ser presente — mas não autossuficiente — reduzido em seu sentido e frágil o bastante para se por com, compor-se não como um ente ideal ou idealizado, atemporal e acima do público, mas a ser fortalecido, em sua razão de ser, pelo público, ou seja, a cidade e seus habitantes. (GUATELLI, 2009, p.75).

O largo Maria José, encontro da Rua Fortaleza com a Rua Maria José, é um momento de excepcionalidade que alarga o espaço público. É um espaço que se transforma, todos os domingos, com as ações do Programa Ruas de Lazer organizadas pela própria comunidade, e, de modo mais esporádico, torna-se palco das sessões de cinema do Cinequebrada ou dos blocos de carnaval. Entretanto, vazios murados no tecido urbano voltados para o largo descaracterizam a relação direta com o espaço público.

A partir daí, surgiu a intenção de conectar esses vazios com o largo, expandindo assim a área pública. A volumetria moldada aos vazios mantém os alinhamentos para reforçar o desenho do espaço público, enquadra-se nas frestas das pré-existências para afirmar-se como parte da cidade. Buscou-se explorar a continuidade entre interno e externo por meio de praças públicas, articulações entre as cotas das ruas que adentram a quadra, bem como através das visuais e das aberturas — nos acessos, no mezanino que se volta para o largo e para as oficinas — que buscam enquadrar instantes da paisagem construída.

Como apoio às dinâmicas locais no cotidiano e no evento, buscou-se uma investigação constante de espaços indeterminados, sem programas fixos, que permitem explorar a configuração de espaços plurais e que instiguem a apropriação diversa. São, portanto, espaços de encontro, experimentação, informação e construção coletiva. Oficinas e ateliês foram propostos para investigação, produção e ensino; praças públicas como lugar da reunião

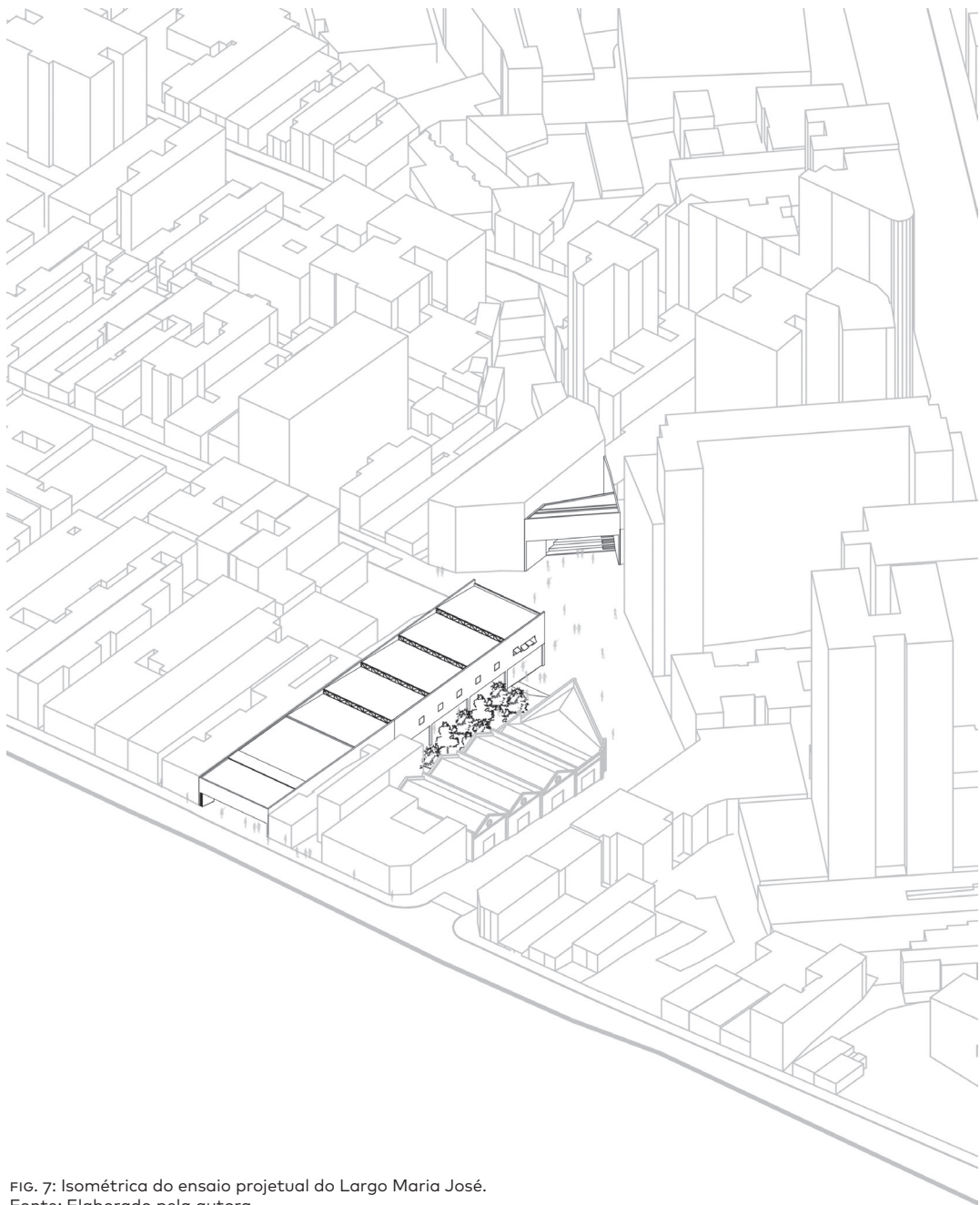


FIG. 7: Isométrica do ensaio projetual do Largo Maria José.  
Fonte: Elaborado pela autora.



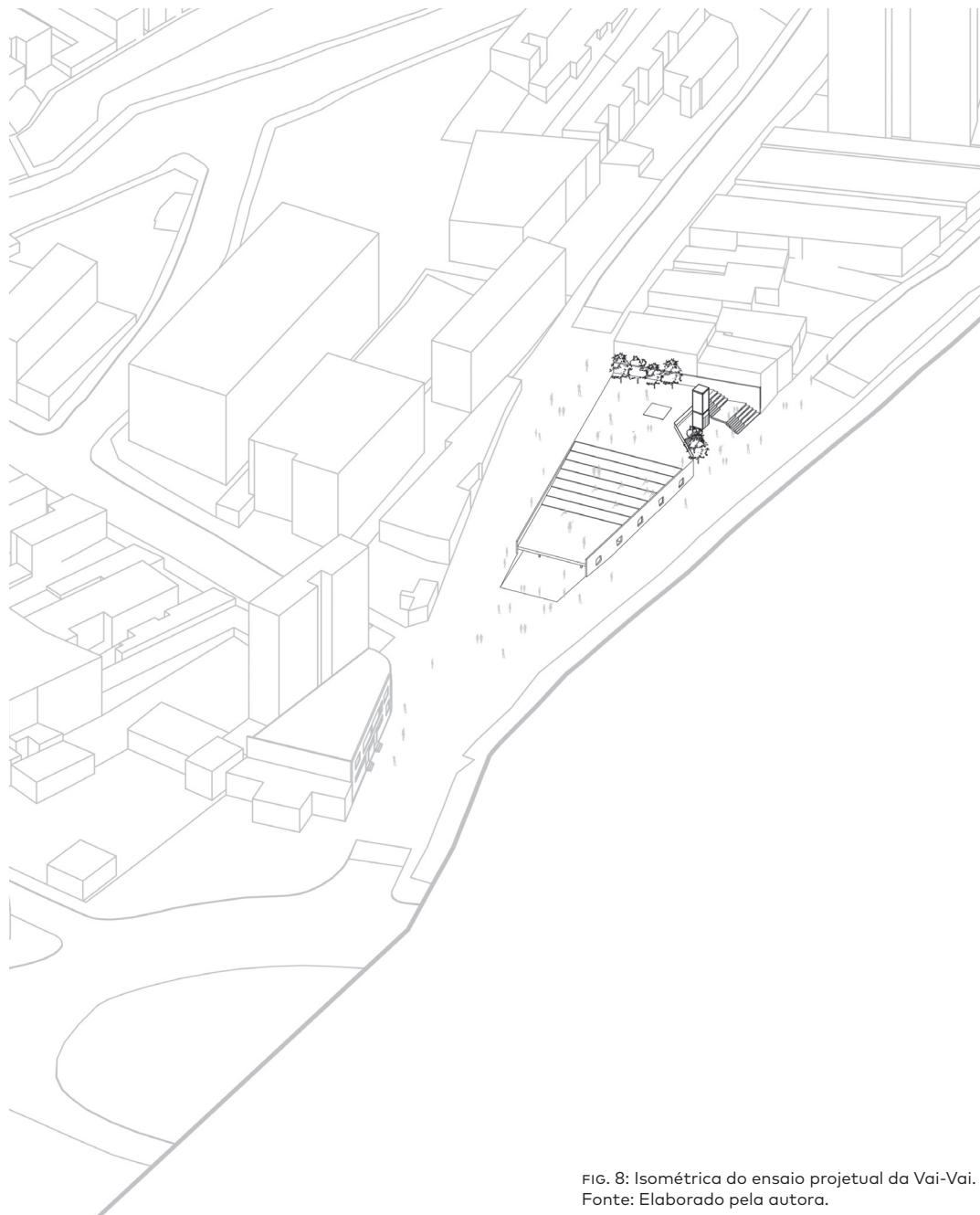


FIG. 8: Isométrica do ensaio projetual da Vai-Vai.  
Fonte: Elaborado pela autora.

e encontro; pátio arborizado com espécies frutíferas que estabelece relações entre as oficinas propostas e as existentes no galpão vizinho. Uma arquibancada urbana, voltada para o largo, coloca o espaço público como ponto central da proposta.

No trecho urbano da esquina da Rua São Vicente com a Rua Dr. Lourenço Granato, que possui um caráter de transição de escala entre o bairro e o entorno, encontra-se a sede da Vai-Vai, cujo espaço expande-se ao utilizar o largo em frente como local de ensaios. É através dessa ocupação do espaço público que o largo se revela como uma potência urbana que reafirma a cultura e história local.

Ao encarar as especificidades do sítio, a proposta procura valorizar e expandir o espaço público por meio da continuidade entre o espaço urbano e a arquitetura. Assim, propõe-se a ampliação do largo com um novo palco para a Vai-Vai; um elemento estrutural que configura o espaço para permitir a visão de todos os ângulos, retomando a dinâmica dos desfiles de carnaval. Ao conectar o palco com a rua, uma praça pública vence gradativamente o desnível, seguindo a inclinação da rua, enquanto marca o alinhamento através de um plano que desponta entre a topografia existente e a cota criada.

A partir do largo, ponto articulador do projeto, desdobra-se outra cota pública de extensão da sede e quadra urbana, num nível inferior à do palco, de modo que os três, em linha contínua, reforçam a resistência e potência local. Ao mesmo tempo que expande a área da Vai-Vai, esse espaço clama a memória e história local através de um mobiliário expositivo para os instrumentos da bateria e outros objetos da escola de samba, que estrutura o espaço e pode ser visto já desde a rua.

Apesar da escola de samba ter sido um estímulo inicial, buscou-se explorar um espaço que seja para toda a comunidade. Assim, o palco de ensaio da Vai-Vai é também palco de tantas outras situações urbanas nos momentos em que não abriga o samba. Desse modo, a arquitetura pode se colocar também na vida cotidiana local. As aberturas no nível da rua permitem a troca entre o interior e exterior, são as aberturas que enquadram a memória — com a vista de quem está na rua olhando para o interior — e enquadram a cidade — vista do interior para fora.

As expressões culturais, abordadas como manifestação das necessidades e que têm como origem o povo, são o ponto que instiga toda a reflexão e as propostas. Logo, a investigação reflete, no campo da arquitetura, o direito à cidade, entendido como o “[...] direito à vida urbana, transformada, renovada” (LEFEBVRE, 2008, p.118).

Buscou-se, na cidade existente, o partido para a transformação, as brechas para outras possibilidades do urbano.

---

## REFERÊNCIAS

- ARANTES, Otília. Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas. *In*: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p.11-74.
- BIXIGA EXISTE. São Paulo: Estúdio CRUA, 2017. (4min 57s), son., color. Disponível em: <http://www.bixigaexiste.com.br/#HOME>. Acesso em: mar. 2020
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CHAUÍ, Marilena. Cultura política e política cultural. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.9, n.23, p.71-84, abr. 1995. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141995000100006&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000100006&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: mar. 2020.
- FILME, Geraldo. Vai no Bexiga Pra Ver. Intérprete: Geraldo Filme. *In*: **Geraldo Filme**. São Paulo: Studio Eldorado, 1980. Faixa 1. (2min 47s).
- GUATELLI, Igor. Pensar sobre rastros: arquiteturas além do objeto. *In*: GUERRA, Abílio; FIALHO, Roberto Novelli (org.). **O arquiteto e a cidade contemporânea**. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2009. p.74-81.
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008.
- LOJKINE, Jean. **O Estado Capitalista e a questão urbana**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- MARX, Karl. **O Capital**: Livro I. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.
- PAES, Célia da Rocha. **Bexiga e seus territórios**. 1999. Dissertação (Mestrado em História da Arquitetura e Estética do Projeto) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- RÁDIO SARACURA. Disponível em: <http://saracura.net/>. Acesso em: mar. 2020.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2012.
- SCHNECK, Sheila. Bexiga: cotidiano e trabalho (1906-1931). **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.26, e.24, p.1-50, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142018000100415&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142018000100415&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: abr. 2020.
- SOUZA, Herbert de. O poder transformador da cultura. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p. 3-3. 27 set. 1993. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=12194&keyword=o&anchor=4833438&origem=busca&pd=79db5f557f6e1d38b0b5a20ed710276d>. Acesso em: 10 out. 2019.
- WENDERS, Wim. Cinema além das fronteiras. *In*: MACHADO, Cassiano Elek (org.). **Pensar a cultura**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013. p.51-68.

---

## SOBRE A AUTORA

Arquiteta e urbanista graduada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie em 2020.  
gabi.lamanna@gmail.com